

notícias sábado 169

# NS

SUPLEMENTO IN  
O 'PASSAPORTE'  
DE MARIA FILOMENA  
MÓNICA



As viagens de  
Maria Filomena Mónica

**NATO**  
60 anos  
a defender  
a liberdade

**KENPO  
KARATE**  
Jovens  
portugueses  
são campeões  
do mundo mas  
não têm dinheiro  
para competir  
no estrangeiro

**BLOGOSFERA**  
Como fazer  
amigos  
e influenciar  
os outros

# Cristina Branco Triunfo em Paris

«A voz não tem de  
ser espampanante»

Cantora ganha prémios em França,  
é uma estrela na Holanda,  
esgota concertos na Alemanha.  
«Talvez ao décimo álbum Portugal repare  
a sério nela», diz o patrão da editora Universal.

4 ABRIL 2009 | SEMANAL | ESTA REVISTA FAZ PARTE INTEGRANTE  
DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS N.º 51126 E DO JORNAL DE NOTÍCIAS N.º 3000121  
NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

# O TEMPO DE BRANCO

**Kronos**, o novo disco de Cristina Branco, por estes dias em digressão por França, tem deixado os gauleses com pele de galinha. A caravana do tempo da fadista passa dia 18 no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

TEXTO DUARTE SOUSA FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES EM PARIS

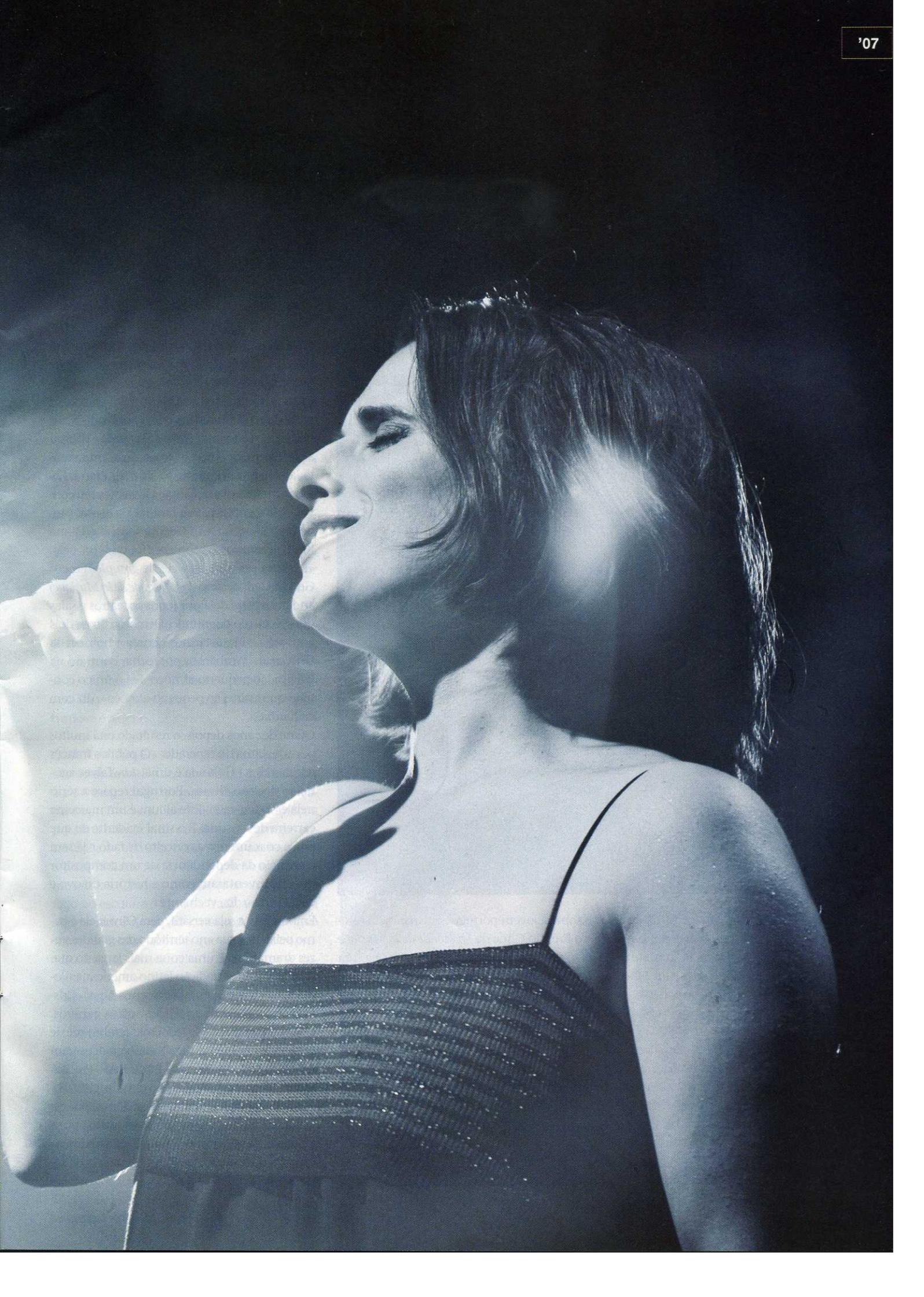
**PENSA-SE NISTO** da vida de artista como um idílio onde não entram fraldas sujas, olheiras e contingências demasiado humanas para rimarem com o brilho do trabalho de palco. A cantora Cristina Branco, 36 anos, em digressão por terras de França com o seu novo álbum, *Kronos*, esforça-se por fazer a síntese de um pujante cartaz internacional – além de França, Holanda, Alemanha, Macau ou a ilha de Guadalupe, nos meses mais próximos; 18 de Abril em Lisboa, no CCB – e mãe de filhos, Martim, de 5 anos, e Margarida, de 2 meses, que já se tornou a coqueluche da imprensa parisiense.

Olivier Nuc, jornalista do diário francês *Le Figaro*, está incrédulo no camarim a assistir à muda da fralda no rescaldo da entrevista. «É normal os artistas mostrarem os filhos, mas na imprensa cor-de-rosa. Estar aqui desta maneira crua é como se Cristina nos dissesse: esta é a minha vida, sou assim, não há nada a esconder. Exactamente como a sua voz delicada e transparente», diz.

Durante a promoção de *Kronos* será comum vê-la a embalar a filha nos braços enquanto se desdobra em entrevistas. «A questão do tempo é das que trago mais presentes. E o tempo para os meus filhos é o mais precioso», adianta. Acaso do destino, um dos temas tem o nome da filha recém-nascida, um poema

menos conhecido de Álvaro de Campos musicado pelo pianista e compositor Mário Laginha e gravado em dueto com Jorge Palma. «Foi uma coincidência. O Mário tinha feito esta música para o Camané (mas nunca foi gravada) e achei que seria maravilhoso juntá-la ao repertório. Não foi intencional para me fazer valer do *marketing* da maternidade», conta, entre risos.

Tal não impede a ocorrência de situações insólitas como estar em pleno concerto em Colombes e, no intervalo de uma canção, ouvir-se o choro de Margarida vindo dos bastidores. «*Et voilà*, esta é a minha filha, respondi, e a plateia desfez-se em gargalhadas. A minha carreira está repleta de momentos satíricos, como quando o pintor Júlio Pomar me quis conhecer porque viu o meu cartaz numa rua de Paris e achava que ia conhecer uma diva, uma mulher altíssima [Cristina tem 1,59 m]», recorda. Desse encontro resultaria, além de uma bela amizade («é o homem maior e mais generoso que conheci»), um encontro fecundo de trabalho. «O Júlio tem-me escrito várias letras para fados. No *Kronos* há o *Fado do Mal Passado* (com música do maestro António Victorino d'Almeida) onde se percebe que o seu talento vai muito para lá das telas», realça a cantora.





A parceria Branco/Pomar já vira frutos no álbum *Ulisses* (é do pintor o tema *Meu Amor Corre-me o Corpo*), o último de originais, após um intervalo em que editou dois tributos, um à fadista Amália Rodrigues (*Live*) e outro ao cantautor Zeca Afonso (*Abril*), todos com a chancela da Universal francesa.

Yann Olivier, 44 anos, director do departamento de Jazz e Música Clássica da Universal França, ouviu Cristina a primeira vez numa cerimónia de entrega de prémios da revista *Le Monde de la Musique*, em Paris, 1999. Yann estava lado a lado com dois monstros sagrados da música clássica – o pianista Alfred Brendel e a cantora Cecilia Bartoli – que se desfaziam em superlati-

vos sobre a jovem portuguesa. Cristina ia receber o Prémio Choc da *Le Monde de la Musique* para o melhor álbum de *world music* pelo seu primeiro disco, *Murmúrios* – um prémio nunca antes conquistado por um artista português.

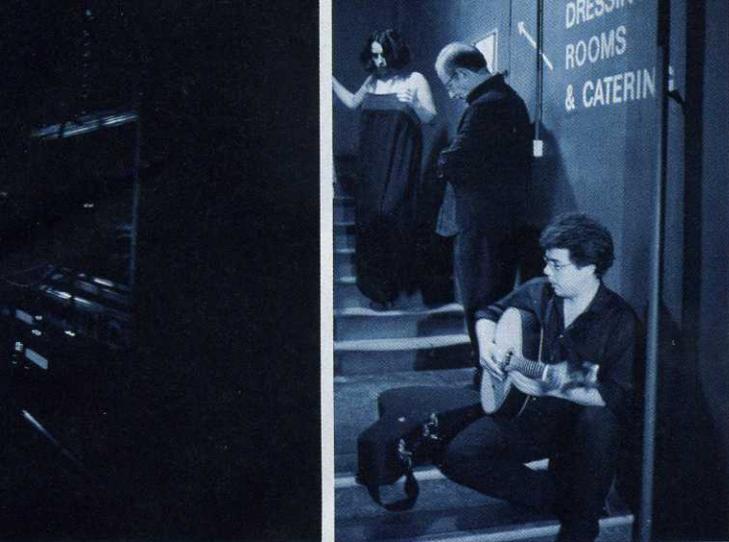
**Em 1999 recebeu o Prémio Choc da revista *Le Monde de la Musique*, perante monstros sagrados da música clássica, como Alfred Brendel e Cecilia Bartoli.**



«Ficou muda no momento de receber o prémio. E na hora de dizer qualquer coisa, disse que ia agradecer cantando», conta Olivier. Cristina cantou o tema *Saudade* (que viria a fazer parte do seu álbum dedicado ao holandês Slausherhoff, o seu maior êxito até à data) e deixou a plateia em espanto e a lacrimejar. Cantou sentada, de olhos fechados, só ela e a guitarra. Logo no mesmo dia, ao jantar, Olivier tentou convencê-la a entrar para a família Universal (onde estão vozes como Cecilia Bartoli e Diana Krall), mas até isso acontecer foi uma odisséia. «Passei a ser uma espécie de *groupie*. Eu e o George Gad (decano da *Le Monde de la Musique*) andámos atrás dela por todos os teatros e salas de espectáculo do mundo. Demorou quase dois anos até a conquistarmos», conta o homem da Universal. «Acabámos por fechar contrato na Bélgica, ao pequeno-almoço. Foi o único contrato que assinei ao pequeno-almoço», diz com galhardia.

Quase dez anos depois, o resultado está muitos pontos acima do esperado. «O público francês adora-a. E na Holanda é uma *star*. Talvez agora, ao décimo álbum, Portugal repare a sério nela e no seu valor. Este álbum é um marco na carreira de Cristina. É o sinal evidente de que está a criar um novo conceito de fado e já sem o artifício da dependência de um compositor que lhe inventaram como a história do ovo e da galinha», diz, veemente.

Embora a voz seja versátil, para Olivier ela é como peixe na água «no território das grandes vozes dramáticas. É uma coisa mais larga do que o fado. Vai até à tradição latino-americana. Podia ser *portenha* (natural de Buenos Aires). Cristina é a ponte entre o fado e outros géneros. Não sou especialista de fado, mas lembro-me de que em França (e Portugal) também acusaram Amália de não cantar fado tradicional. Precisamente a crítica que mais lhe têm dirigido. Há várias vozes portuguesas de excelência por estes dias, mas nenhuma arriscou tanto como Cristina. Nesse sentido, é uma líder. Nenhuma cantora, de resto, fez tanto pela evolução da sonoridade do fado», frisa.



Das três vozes portuguesas com maior notoriedade no mundo – Mariza, Mísia e Cristina Branco –, Yann Olivier garante que a de Branco é a mais admirada pelos seus pares, «pela sua transparência». Segundo ele, «Cristina não é uma intelectual como Mísia nem uma *one-woman-show* como Mariza. É a cantora mais depurada, chamemos-lhe assim.» Em *Kronos*, alguma crítica portuguesa apontou a falta de frêmito na gravação. Yann discorda. «Simplesmente ela não faz da voz uma forma de *show off*. Não é por se levar as notas mais acima que se canta melhor. Talvez seja menos notada por ser tão tímida. De resto, estou muito orgulhoso por este trabalho. Foi composto para ela. É sincero. E tem temas brilhantes, como *Eterno Retorno* ou *Longe do Sul*.» O encanto de Yann, que tem vindo a avolumar-se até *Kronos*, deve-se ao elemento-chave desde o começo, «a pureza da voz. E, no palco, uma mistura rara de timidez e força».

**O FADO ATRAVESSOU A VIDA** de Cristina por um acaso feliz. De certa maneira, terá sido ela a atravessar o fado enquanto fenómeno musical de profundas raízes tradicionais. «Começou por uma brincadeira, um serão de cantigas entre amigos», recorda. Nada até ali, adolescente, a diria fadista. Antes de entoar menores ou mourarias, Cristina não frequentara casas de fado ou escutara o vinil da tradição. Conhecia alguns fados de ouvido, trauteados pelo avô materno, letras e acordes que repetia de improviso sem ter consciência de como estes se entranhavam, como lhe decidiam o destino. «Estava por essa altura mais próxima de Billie Holiday e Ella Fitzgerald, de Janis Joplin e Joni Mitchell do que de Amália Rodrigues», brinca. Quando o mesmo avô lhe ofereceu pelos seus 18 anos o disco *Rara e Inédita*, obra maior e menos conhecida da diva do fado, não sabia ainda como acabara de lhe mudar a vida para sempre. Na verdade, escassos meses antes de pisar um palco pela primeira vez, em Amsterdão (1996, Zaal 100, onde antes passaram José Afonso, Carlos Paredes, Sérgio Go-

## O pintor Júlio Pomar viu o cartaz de um espectáculo de Cristina numa rua de Paris e quis conhecê-la. Passou a escrever-lhe letras para fados.

dinho...), Cristina nunca se imaginara sequer uma intérprete amadora ou cantora de horas vagas, como é próprio de muitos fadistas que encontram no fado um pretexto de ócio ou expiação. Se havia fado na sua vida de ado-

lescente, era apenas no mais profundo sentido etimológico da palavra – o *fatum*, o destino – que a dizia já «fadada» para a palavra. Até 1996, aos 24 anos, duas ou três experiências de canto fortuitas, e arrancadas a custo da sua timidez histórica, eram tudo o que havia feito publicamente enquanto «cantora». O jornalismo era «a arte» que procurava. Talvez por isso, hoje e sempre, as palavras (os *redondos vocábulos*, como lhes chama, lembrando José Afonso) rejam todos os seus discos, todas as suas intervenções, todos os seus projectos em curso, como o mais recente *Kronos*, com letras de ilustres vates como Vasco Graça Moura ou Hélia Correia. Cantora de poetas, os maiores de Portugal – Camões, Pes-



Com o pintor Júlio Pomar, autor da letra do *Fado do Mal Passado*, no novo disco de Cristina Branco.



Com Yann Olivier, director da Universal em França: «Talvez agora, ao décimo álbum, Portugal repare a sério nela e no seu valor.»



contrário do meu preconceito, é possível descontruir um fado canónico sem o desvirtuar. Tem sido o meu trabalho essencial. Para quem canta fado desde o berço e acha tudo muito natural talvez não me perceba, mas para mim estes fados antigos têm um lado muito encriptado. O fado antigo não se canta de uma forma espontânea. Tem uma fórmula. Na minha condição de marginal posso dar-me ao luxo de experimentar variantes e continuar a fazer muito para o perceber.» Noutra língua, em

soa, David Mourão-Ferreira, José Afonso... – e alguns do mundo, como Paul Éluard, Leo Ferré, Alfonsina Storni ou Slauerhoff, Cristina Branco fez do seu modo de entender o fado uma espécie de porta-voz da poesia e da literatura do cancionero nacional.

Sobre *Kronos*, deus do Tempo, ocorre perguntar que tempo é este. «Apenas um título internacional. Coisa prosaica. Não me coloco essas grandes questões sobre o que faço. São vocês, os jornalistas, que me colocam frente a frente com o meu trabalho. Aquilo que eu faço não é racional, frio. Este disco conta uma história que começa com o Ulisses, o mito do regresso a casa. E o tempo invade esse regresso eternamente adiado. Talvez por isso me chamem a eterna nómada. A reflexão é perceber como o tempo passa por mim ou se instala. Quem vive esta vida, rápida e impessoal, choca mais com estas questões.»

A crítica mais deslocada? «A de a voz não ser mais espampanante, *tcham...* Não é preciso ter uma voz menos límpida ou mais colocada para se ter os sentimentos mais exaltados. A Callas é um bom exemplo de uma voz transparente e sem artifícios. Estou certa de que tudo o que fez enquanto cantora foi de uma honestidade exemplar. É isso que me ocupa.»

E há sentimentos que se repetem quando canta? «Claro. Cólera, êxtase, saudade...» De resto, chora sempre que canta o fado menor. «Tem que ver com o arranjo, a música e sobretudo porque nunca cantara um fado tradicional antes daquele. É porque descobri que, ao

## Do fado à música do mundo

**NASCEU** em Almeirim, em 1972. Queria ser jornalista mas quando fez 18 anos o avô ofereceu-lhe um disco de Amália Rodrigues e mudou-lhe a vida. O seu primeiro disco foi *Cristina Branco Live in Holland*, em edição de autor, registado ao vivo em dois concertos realizados no dia 25 de Abril de 1996. Foram feitos mil exemplares, «que se venderam imediatamente», logo seguidos por novas edições sucessivas, até se chegar aos cinco mil discos vendidos. O disco *Murmúrios*, lançado pela editora holandesa Music & Words, reúne 14 temas,



desde fados tradicionais como *Abandono* (imortalizado por Amália, com texto de David Mourão-Ferreira) a versões de Sérgio Godinho (*As Certezas do Meu Mais Brilhante Amor*) ou de Camões, com música de José Afonso (*Pombas Brancas*). A maioria dos temas tem assinatura de Maria Duarte, autora dos textos, e músicas de Custódio Castelo. Recebe, em França, em 1999, o Prémio Choc da revista *Le Monde de la Musique* pelo melhor disco de música do mundo. Em Fevereiro de 2000 sai o álbum *Post-Scriptum* (título de um poema de Maria Teresa Horta). Conquistou o Choc desta vez para o melhor álbum do mês de Março, em França. Na Holanda, edita o disco *Cristina Branco Canta Slauerhoff*, o segundo desse ano, com textos do poeta holandês J. J. Slauerhoff (1925-1976), com tradução de Mila Vidal Paletti e música de Custódio Castelo. O disco constitui como que uma prova de agradecimento de Cristina Branco ao país que lhe abriu as portas do êxito, embora nunca

tenha vivido na Holanda.

Durante o ano 2000, a cantora realizou cerca de 130 espectáculos por todo o mundo.

O disco *Corpo Iluminado*, o primeiro com edição da Universal Music Classics França, foi editado em 2001. Em 2002 é reeditado *O Descobridor*, novo título para o disco onde canta Slauerhoff, com três novos temas.

O sexto álbum, de título *Sensus*, foi editado pela Universal, no dia 24 de Março de 2003. A música é assinada por Custódio Castelo. O álbum conta com letras de David Mourão-Ferreira, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Eugénio de Andrade, Camões e Shakespeare, entre outros. *Ulisses* é o nome do disco seguinte, editado em 2005.

Em 2006 é editado *Live*, um registo ao vivo, tributo a Amália Rodrigues. Em 2007, com *Abril*, demarca-se do fado e revisita a obra do cantautor Zeca Afonso. Em 2009 edita *Kronos*, com 13 temas originais de compositores como Sérgio Godinho, Mário Laginha, Vitorino, Janita Salomé, Rui Veloso ou Carlos Bica.



castelhano, por exemplo, experimenta as mesmas emoções? «Naturalmente que sim. *O Meu Amor* está escrito em português do Brasil ou de Chico (Buarque).»

O caminho de Cristina Branco tem sido autónomo, singular, sem procurar uma ruptura ingénua com a tradição, antes procurando o que nela há de melhor – oiçam-se alguns dos «clássicos» por ela cantados. Em todos os seus discos tem procurado o exigente convívio dos textos com a musicalidade inata do fado. Tal co-

**Entre duas canções ouviu-se o choro de Margarida vindo dos bastidores. «Et voilà, esta é a minha filha», disse Cristina Branco. A plateia desfez-se em gargalhadas.**

mo outros jovens músicos que, desde meados dos anos noventa, encontraram no fado a sua forma de expressão, contribuindo para uma surpreendente renovação da canção de Lisboa, Cristina Branco começou a definir o seu percurso onde o respeito pela tradição caminha lado a lado com o desejo de inovar.

Se nada na vida de Cristina indicava que o seu destino seria o fado, temos hoje de admitir que Cristina Branco está a criar um estilo senão «raro», certamente «inérito». ■

## Discografia

*Cristina Branco Live in Holland* (1997)  
*Murmúrios* (1998)  
*Post-Scriptum* (1999) – reeditado em 2000  
*Cristina Branco Canta Slauerhoff* (2000)  
*Corpo Iluminado* (2001)  
*O Descobridor* (2002)  
*Sensus* (2003)  
*Ulisses* (2005)  
*Live* (2006)  
*Abril* (2007)  
*Kronos* (2009)

